



Etnoturismo Indígena Karajá-Xambioá

Indigenous Karajá-Xambioá Ethnotourism

Stephanni Gabriella Silva Sudré¹

Regiane Caldeira²

Raffaela Aparecida Queiroz Garcia³

Tiago Dinis Siares⁴

Pedro Lima Karajá de Sousa⁵

RESUMO:

O turismo surge no complexo conjunto da realidade social global, por sua amplitude divide-se em múltiplos e diferentes formatos. Nesse universo, o etnoturismo conquista significativa visibilidade compondo o segmento turismo cultural tendo como principal atratividade as características culturais étnicas. Como em todo o Brasil, a região amazônica, foco deste estudo, possui um contexto propenso ao desenvolvimento turístico dado seu patrimônio natural e cultural nacional e internacionalmente promovidos. Na porção Amazônica no estado do Tocantins, o turismo em áreas naturais, em especial áreas protegidas, formam uma das frentes de atuação de maior visibilidade turística do estado. Nesse contexto, as comunidades tradicionais são

¹ Mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Graduação em Turismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutorando em andamento em Desenvolvimento Sustentável em Trópicos Úmidos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Universidade Federal de Tocantins (UFT). E-mail: stephanni@uft.edu.br

² Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Mestrado em Turismo e Desenvolvimento Internacional pela University of Brighton, Inglaterra. Graduação em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: regianecaldeira@unemat.br

³ Graduação em História pela Faculdades do Vale do Aporé. Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: raffaela.garcia@unemat.br

⁴ MBA Turismo e Hospitalidade pela Universidade Cândido Mendes. Graduação em Turismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: tiagodinizsiares@gmail.com

⁵ Graduação em Gestão de Turismo pela Universidade Federal de Tocantins (UFT). Membro da Comunidade Indígena Karajá – Xambioá. E-mail: pedrolimakaraja2000@gmail.com

elementos-chave, com destaque para quilombolas e indígenas. A fim de conhecer um recorte dessa realidade o presente estudo analisou o potencial do etnoturismo na perspectiva da comunidade indígena Karajá-Xambioá, localizada no norte do Tocantins. Como objetivos específicos buscou-se identificar atrativos turísticos da comunidade, conhecer a percepção da comunidade sobre o turismo e apontar os atores sociais que potencialmente podem ser envolvidos na visitação. A pesquisa adotou abordagem qualitativa com desenho etnográfico, para geração de dados foi utilizada pesquisa bibliográfica, observação participante e questionário online. A comunidade Karajá-Xambioá possui em seu território patrimônios naturais e culturais que expressam seu potencial turístico. Atividades turísticas são realizadas nesses espaços e são compreendidas pelos anfitriões como um meio para sua autonomia econômica, desenvolvimento social e instrumento para educação socioambiental dos moradores e visitantes.

Palavras-chave: Turismo; Etnoturismo; Indígena; Karajá; Tocantins.

ABSTRACT:

Tourism appears in the complex set of the global social reality, due to its amplitude it is divided into multiple and different formats. In this universe, the etnotourism gains significant visibility, composing the cultural tourism segment, having ethnic cultural characteristics as its main attraction. As all around Brazil, the Amazon region, the focus of this study, has a context prone to tourist development given its nationally and internationally promoted natural and cultural heritage. In the Amazonian portion of the state of Tocantins, tourism in natural areas, especially protected areas, forms one of the most visible tourist areas in the state. In this context, traditional communities are key elements, especially quilombolas and indigenous peoples. In order to know a part of this reality, the present study analyzed the potential of etnotourism from the perspective of the Karajá-Xambioá indigenous community, located in the North of Tocantins. As specific objectives, it was sought to identify tourist attractions in the community, in order to know the community's perception of tourism and to point out the social actors that can potentially be involved in the visitation. The research adopted a qualitative approach with an ethnographic design and for data generation, bibliographic research, participant observation and an online questionnaire were used. The Karajá-Xambioá community has

natural and cultural heritage in its territory that express its tourist potential. Tourist activities are carried out in these spaces and are understood by the hosts as a means for their economic autonomy, social development and an instrument for the socio-environmental education of the residents and visitors.

Keywords: Tourism; Ethnotourism; Indigenous; Karajá; Tocantins.

1 INTRODUÇÃO

O turismo compõe o complexo conjunto da realidade social global, desdobrando-se em diferentes formatos a partir dos sujeitos que ofertam e dos que o vivenciam como turistas. Nesse universo múltiplo e dinâmico, o etnoturismo configura-se como parte do turismo cultural tendo como atratividade as características culturais étnicas. Em meio ao turismo étnico pode-se encontrar diferentes etnias compostas por quilombolas, ribeirinhos, indígenas, dentre outros grupos, que em si também se subdividem.

Na Amazônia, o interesse pelos elementos do patrimônio natural e cultural relacionados aos aspectos da sustentabilidade e à visitação, em sua maioria está orientado para o contato com a natureza e comunidades tradicionais. Conforme a obra *Identidades do Turismo no Tocantins* de Rosane Balsan (2021) a porção Amazônica no estado do Tocantins apresenta-se posicionada se consolidando no turismo em áreas naturais com ofertas competitivas que se dimensionam em áreas protegidas como unidades de conservação, e as comunidades tradicionais são componentes deste contexto, especialmente pelas comunidades quilombolas e comunidades indígenas.

A comunidade indígena Karajá-Xambioá vive à margem do Rio Araguaia e estabelece em seu cotidiano estreita relação com seu patrimônio cultural e natural. Tal relação conquista continuamente valorização e reconhecimento para o turismo, traduzido em roteiros diversificados. Diante desse contexto o objetivo geral deste trabalho é analisar o etnoturismo na perspectiva da comunidade tradicional indígena Karajá-Xambioá, em Tocantins. Como objetivos específicos buscou-se identificar atrativos turísticos da comunidade, conhecer a percepção da comunidade sobre o turismo e apontar os atores sociais que potencialmente podem ser envolvidos na visitação.

O trabalho foi desenvolvido no âmbito da Pesquisa “Etnodesenvolvimento e o turismo”, registrado sob n. 3687 no sistema de Gestão de Projetos Universitários da Universidade Federal do Tocantins, no curso de Gestão de Turismo do campus de Araguaína⁶.

A pesquisa adota natureza interdisciplinar com abordagem qualitativa. Empregou-se um desenho etnográfico de pesquisa utilizando observação participante, pesquisa bibliográfica e entrevista semiestruturada (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998) para geração de dados, sendo esta última realizada de forma remota.

A estrutura deste trabalho buscou inicialmente tecer algumas reflexões a partir da revisão de literaturas especializadas sobre os temas turismo sustentável na Amazônia, etnoturismo, turismo indígena e a participação comunitária nesse formato de atividade. Após essa parte teórica, os caminhos da pesquisa são apresentados

⁶ O projeto é uma pesquisa desenvolvida por professores-pesquisadores que pertencem as instituições que Universidade Federal do Tocantins-UFT em parceria com docentes da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat

e, então, os resultados obtidos no percurso, permitindo o desenvolvimento das discussões.

2 REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O TURISMO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA

O Brasil caracteriza-se como um espaço privilegiado dadas suas características originárias e identitárias presentes em seu patrimônio cultural e natural. A Amazônia, parte elementar neste contexto, evidencia os desafios vivenciados entre o desenvolvimento e a sustentabilidade (LEWINSOHN; PRADO, 2005; LEFF, 2001; JACOBI, 2003). Muitas são os esforços direcionados ao debate das questões ambientais e sociais da Amazônia, várias são as consequências do modo que vem sendo enfrentado tanto política quanto socialmente (FIGUEIREDO; NOBREGA, 2015).

Os aspectos essenciais norteadores da sustentabilidade, entre a teoria e prática, são os desafios na gestão do patrimônio natural e cultural (BUARQUE, 2004; IRVING *et. al.*, 2005), nesse universo, as comunidades tradicionais devem ser consideradas elementos-chave pois o desenvolvimento local caracteriza-se como um processo endógeno de mudança (BUARQUE, 2004), que se destaca por atender as demandas da população (RIST, 2001). Assim, a sustentabilidade tem como objetivo a qualidade de vida e a melhoria econômica de forma que favorece o uso sustentável dos recursos, a fim de contribuir competitivamente na economia local e com a conservação do meio ambiente (FIGUEIREDO; NOBREGA, 2015).

Miranda e Soares (2020) comentam que o turismo é um sistema que busca em si valorização e manutenção dos ambientes e parte de uma dimensão da realidade social de inter-relações múltiplas (PADILHA, 1992). A partir da visão mercadológica de oferta e demanda (BRASIL, 2006) e a presença desta atividade em comunidades tradicionais, tem exigido técnicas de turismo com maior compreensão aos valores comunitários.

Azevedo *et al.* (2013) destacam que a caracterização da atividade turística como um mercado foi aceita como forma de entender a atividade, em especial, valorizando a perspectiva dos empreendimentos, evidenciando o potencial econômico e reduzindo a importância das pessoas a “capital social” nos processos produtivos. Assim, as comunidades receptoras se tornam muitas vezes, parte do atrativo e/ou parte da força de trabalho dos empreendimentos, sem considerar que seu real valor e participação ultrapassam tais limites.

Na Amazônia, o turismo vem sendo observado por muitos como oportunidade de desenvolvimento local e atividade complementar às já desenvolvidas pelos povos tradicionais da Amazônia. Algumas das manifestações socioculturais observadas como possíveis atrativos são parte do cotidiano destas comunidades, como pesca, extrativismo, artesanato, coletas, alimentação, dentre outras. Para além do entusiasmo aparente no mercado do turismo, são poucas as ações que efetivamente contribuem para o planejamento do turismo sustentável. Que as comunidades são essenciais ao processo de planejamento e desenvolvimento sustentável é inegável, o Plano Amazônia Sustentável (PAS), por exemplo, apresentou as comunidades

tradicionais indígenas como parte da ideia de desenvolvimento sustentável da região (FIGUEIREDO; NÓBREGA, 2015).

Impreterível destacar ainda que “o turismo sustentável é um conceito e não uma modalidade de turismo, portanto, não deve ser confundido com ecoturismo, turismo cultural, turismo de aventura, turismo indígena, entre outros” (BRANDÃO *et al.*, 2015). O turismo sustentável pode ser conceituado a partir dos processos de compreensão e participação dos atores sociais e que não comprometa o futuro das próximas gerações (OMT, 2003; SWARBROOKE, 2000). Ele consiste em uma ferramenta preponderante na gestão do turismo na Amazônia, com o fortalecimento das comunidades em suas múltiplas esferas faz-se essencial tanto como premissa do desenvolvimento local, como para a sua sustentabilidade.

3 ETNOTURISMO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

As comunidades indígenas no Brasil utilizam principalmente atividades agrícolas e de mineração para obtenção de receitas. O turismo aparece como uma forma de diversificação econômica. Na Amazônia brasileira, muitos exemplos são observados, como as iniciativas em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, onde alguns de seus membros já frequentaram cursos superiores nessa área objetivando a melhoria de seus serviços (YÁZIGI, 2007).

O turismo cultural caracteriza-se como um do macro segmentos do turismo. Dada a riqueza cultural e étnica brasileira, dois segmentos se destacam: o etnoturismo e o turismo indígena. Conforme Hinch e Butler (1996, p. 9, tradução nossa) o turismo indígena é uma “atividade turística em que os povos indígenas estão diretamente envolvidos, quer através do controle ou por verem a sua cultura servir como a essência da atração”. Como acontece em diversas localidades, quando planejado e organizado, o turismo indígena potencializa a cultura local, principalmente no que diz respeito aos elementos ligados à dança, ao artesanato e à pintura, ao canto e à reza, à língua nativa, às bebidas e comidas típicas, à agricultura, entre outros elementos tradicionais (JESUS, 2014). “O turismo indígena desenvolve-se nos limites das terras indígenas ou fora deles com base na identidade cultural e no controle da gestão pelo povo/comunidade indígena envolvida” (FARIA, 2008, p. 46-47).

O etnoturismo pode ser considerado como uma atividade turística formada por destinos que oferecem experiências focadas no contato direto com os modos de vida e com a identidade de grupos étnicos (BRASIL, 2004). Enoturismo é parte do turismo cultural e utiliza como atrativo a identidade, a cultura de um determinado grupo étnico (japoneses, alemães, ciganos, indígenas, quilombolas entre outros povos (FARIA, 2008).

Faz-se necessário apresentar algumas diferenças entre o turismo étnico e o etnoturismo, onde o primeiro é um segmento do mercado de turismo que envolve a atratividade relacionada aos aspectos culturais das comunidades étnicas (BENI, 2002; OMT, 2003; BRASIL, 2006). E o segundo, que é o adotado na presente pesquisa, tem relações com os conceitos de etnodesenvolvimento (STAVENHAGEN, 1985), no

qual estabelece como um modelo de gestão a partir dos valores étnicos, com bases comunitárias, tendo organização e o planejamento determinado e executado pela comunidade étnica.

A participação dos atores sociais do turismo é parte estrutural do planejamento turístico, e a satisfação da comunidade surge como componente elementar (MENDES, 2009). O etnoturismo apresenta diferenças dos demais segmentos relacionados ao turismo em Terras Indígenas, em todos os fatores do planejamento e organização turística, pois tem como premissa a participação ativa, integrada através do envolvimento e o comprometimento da comunidade com a atividade turística.

Neste sentido, a comunidade deve participar do turismo e expressar sua percepção por meio da lógica de sua etnia, de um modelo de gestão concebido sob o ponto de vista de seus membros comunitários, assegurando seus anseios em relação à atividade. A essencialidade dessa participação encontrou respaldo também na legislação via Lei nº 12.593/2012 do Plano Plurianual da União quando incluiu o turismo como disciplina dos povos indígenas (BRASIL, 2012; CORBARI *et. al.*, 2017).

No sistema turístico, as comunidades são partes integrantes do destino (PANOSSO NETTO; LOHMANN, 2008). E ainda que haja uma interação entre o turista e a comunidade, nem sempre essas relações são amigáveis e colaborativas e tais incompatibilidades acontecem em diversos âmbitos do destino: econômicos, sociais, culturais e ambientais (DIAS, 2002; PANOSSO NETTO; LOHMANN, 2008, BUHALIS, 2000), mesmo parecendo equilibradas muitas vezes. Os moradores pertencem ao local e são importantes na contribuição para o desenvolvimento local e o turista é elemento novo naquele espaço e ainda que possa agir de forma colaborativa com a localidade, em alguns momentos, é apenas observador da realidade imposta (MAGALHÃES, 2002).

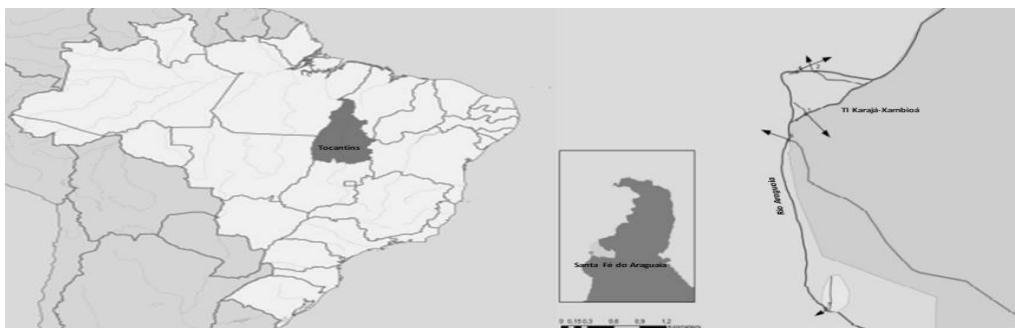
Ao evidenciar os efeitos do turismo, a percepção dos envolvidos é favorecida pelos ganhos econômicos e sociais, com a geração de emprego e renda, também valorização imobiliária (MOESCH, 2012, BARRETO, 2004; 2000). Deve-se, no entanto, observar como esses efeitos afetam cada grupo de atores, atentando para as formas que os ônus e os bônus são divididos. Concernente aos impactos nos recursos ambientais (RUSCHMANN, 2002, PANOSSO NETTO; LOHMANN, 2008; DIAS; AGUIAR, 2002) ou culturais (COUTINHO, 2016), os resultados quando negativos podem comprometer definitivamente não só a atividade econômica do turismo, mas também o cotidiano do morador.

Monteiro e Monteiro (2008, p. 4) comentam que, as comunidades locais “devem possuir um olhar crítico para a prática do turismo, percebendo que este poderá valorizar seus patrimônios culturais, naturais e ainda gerar renda na comunidade com a venda do artesanato, divulgação da gastronomia local”. E o etnoturismo tem o potencial de agir como fator de conciliação entre os interesses da comunidade e suas perspectivas e necessidades do turista.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O povo Karajá-Xambioá ou Karajá do Norte pertence a um dos grupos Karajá e divide-se em três subgrupos: Karajá, Karajá do Norte e Javaé. Os Karajá-Xambioá ou Karajá do Norte estão distribuídos em cinco aldeias: Aldeia Xambioá, Aldeia Kurehê, Aldeia Wari-Lýtÿ, Aldeia Hawa Tämara e Aldeia Manoel Achurê (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016).

FIGURA 1 - MAPA DA TERRA INDIGENA KARAJÁ-XAMBIOÁ, TOCANTINS.



FONTE: Adaptado de SEPLAN (2016).

A comunidade indígena pesquisada está localizada na Aldeia Karajá Xambioá, sua reserva é demarcada e protegida desde 03 novembro de 1997. Ela possui uma área de 3.326.3506 hectares localizada na região Norte do estado do Tocantins, especificamente no município de Santa Fé do Araguaia, às margens do rio Araguaia. Essas comunidades estão distribuídas geograficamente em localidades diferentes nas margens do rio Araguaia e são falantes de três línguas diferentes parte do tronco linguístico Macro-Jê (TORAL, 1992).

A pesquisa adotou todos os procedimentos internos da comunidade, com autorização do Cacique e a intermediação da Associação que compõe os membros desta comunidade. Assim, foi garantido o consentimento dos entrevistados em participarem e a permissão para a realização da pesquisa (ainda que por meios virtuais). O projeto de pesquisa contou ainda com efetiva participação como pesquisador de um membro da comunidade Karajá-Xambioá, que compõe o grupo de pesquisa de Gestão de Turismo em áreas naturais da UFT.

O presente estudo adota a natureza interdisciplinar com abordagem qualitativa, utilização de diferentes técnicas de coleta de dados em campo, por meio da pesquisa aberta e a observação. Empregou-se um desenho etnográfico utilizando observação

participante, questionário online e pesquisa bibliográfica (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998) para geração de dados, sendo esta última realizada de forma remota.

O cronograma de realização foi dividido em duas fases: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A primeira fase aconteceu entre os meses de outubro e dezembro de 2019, com a realização da pesquisa bibliográfica. Na segunda fase, ocorreu a pesquisa de campo de cunho etnográfico entre os meses de janeiro e outubro de 2020. “A etnografia, participa, abertamente ou de maneira encoberta, da vida cotidiana de pessoas durante um tempo relativamente extenso, vendo o que passa, escutando o que se diz, perguntando coisas” (HAMMERSLEY; ATKINSON, 1994, p. 15). Nesse momento foram utilizadas as técnicas de observação participante e questionário online.

As pesquisas etnográficas têm contribuído sobremaneira para o refinamento da pesquisa qualitativa no turismo, na medida em que possibilitam uma melhor compreensão da natureza dinâmica, processual e sistêmica da atividade (PINTO; PEREIRO, 2010). “A observação participante é um método etnográfico por meio do qual se pode chegar a respostas subjacentes ao discurso e ao comportamento dos indivíduos” (ROCHA; ROCHA, 2013, p. 243).

Ao longo da atividade de campo a observação participante aconteceu por meio de visita presencial em janeiro de 2020 e uma visita por meios virtuais com chamadas de vídeos em outubro de 2020. Os dados foram produzidos também por meio de formulário virtual (Google formulários) enviados aos membros da comunidade via rede social, o documento permaneceu aberto entre os dias 9 de setembro e 9 de outubro de 2020 e obteve 21 participações. Os dados gerados foram então divididos em categorias para análise e são apresentados a seguir.

5 RESULTADOS

5.1 ATRATIVOS TURÍSTICOS DA COMUNIDADE INDÍGENA KARAJÁ-XAMBIOÁ

A pesquisa consolidou-se por meio da participação de 21 membros da comunidade, questionados de forma virtual sobre os elementos que a comunidade visualiza como atrativos para serem ofertados aos turistas e visitantes destacando os fatores de atratividade na visão do grupo.

É possível observar, com relação aos seus atrativos, duas categorias: cultural e natural. No aspecto cultural foi apresentado a comida, a pintura, as festividades, o artesanato, o esporte, o lazer, a história, os anciões e a receptividade da comunidade. Os elementos naturais também são apresentados pelo de maior representatividade, o rio Araguaia. Observou-se que os atrativos turísticos compõem os elementos dos aspectos socioculturais e territoriais, que formam sua identidade e formação comunitária. O fato de terem demonstrado o potencial de atratividade da comunidade, confirma conhecimento e consciência das características que apresentam interesse

turístico. E ao solicitar para os entrevistados escolherem apenas algo que mostraria para o visitante/turista, demonstraram aspectos como lugares, pessoas, histórias, comidas, conhecimentos e outros.

As comunidades indígenas apresentam naturalmente potencialidades etnoturísticas significativas, com grande diferenciação dos atrativos presentes em outros segmentos do turismo (JESUS, 2014). Elas possuem ainda atratividade turística em razão de suas atividades cotidianas, história, eventos, com apresentações externas, venda de suas produções artesanais, e mais recentemente com páginas em sites, *pod casts*, entrevistas, documentários ou a criação de redes sociais ou grupos de conversa e redes como a Rede de Turismo Indígena do Rio Negro no Amazonas.

Os elementos se repetem em sua maioria, apontando que os fatores de interesse turístico que motivam os visitantes são exatamente os que a comunidade se dispõe a apresentar aos turistas, demonstrando um controle por parte dela.

5.2 FESTAS TRADICIONAIS KARAJÁ-XAMBIOÁ

De acordo com Albuquerque e Karajá (2016), a forma comportamental do povo Xambioá é de preservar o meio em que eles vivem, procurando utilizar dos recursos naturais necessários para sua sobrevivência: fazendo uso do solo apropriadamente para o plantio e colheita pela técnica da roça de toco, para garantir suas subsistências, além de ter também caça, pesca e os frutos como os alimentos indispensáveis.

A fim de preservar sua identidade Karajá, os Karajá-Xambioá por meio de sua cultura, iniciou-se um processo de valorização da língua karajá “Iny”, e por meio das reflexões realizadas na escola da comunidade o povo se atentou para essa questão ao introduzir no contexto escolar a língua materna Karajá.

Neste contexto, a pesquisa evidenciou que no processo de estabelecimento da cultura Karajá, as festas culturais tradicionais são elementos essenciais, das cinco aldeias, apenas três aldeias se organizam para fazer suas festas tradicionais, organizando entre si datas diferentes ao longo ano, para não ter conflito entre as datas. Cada festa tem duração de dois dias e as aldeias se organizam para receber seus visitantes entre as aldeias (vizinhas), e externos, como outras etnias convidadas, parentes ou amigos do ambiente urbano.

A aldeia Xambioá realiza sua festa, intitulada Festa da Tartaruga, que acontece no mês de setembro. Essa festa surgiu no intuito de causar mais visibilidade no projeto de manejo e da preservação das tartarugas da Amazônia.

Nas festas os visitantes se juntam aos membros da comunidade para realizarem a pintura corporal, danças, jogos, e preparam suas comidas tradicionais específicas para o evento, como o peixe assado, tartaruga assada e bororó, também preparado a partir da tartaruga, calugi de arroz (bebida fermentada de arroz), grolado de puba (caldo da massa de mandioca fermentada), e outros.

Acontecem também nos dias da festa, os jogos tradicionais, como: corridas masculina e feminina, de curta e longa distância; tiro de arco e flecha, masculina

e feminina; canoagem, feminina e masculina; e também os jogos de futebol, que não é um jogo tradicional indígena, mas é um esporte muito praticado dentro da comunidade.

A aldeia Wari-lýtý realiza a Festa do Peixe no mês de julho, também trazendo o sentido de revitalização da cultura Karajá-Xambioá. Nela ocorrem: danças; mostra de artesanato; pinturas corporais; preparo das comidas típicas, como, o peixe assado; prática de jogos tradicionais, como, corridas masculina e feminina, de curta e longa distância; tiro de arco e flecha, masculina e feminina; e os jogos de futebol, que, assim como na Xambioá, é um esporte muito apreciado.

E por último a aldeia Hawa Tämara realiza sua festa no mês de abril, dando ênfase ao Dia do Índio, em comemoração aos anos de luta e de resistência dos povos indígenas. Organiza-se corridas masculina e feminina, de curta e longa distância; tiro de arco e flecha, masculina e feminina; cabo de guerra, masculino e feminino; e, da mesma forma que nas aldeias anteriormente citadas, os jogos de futebol.

5.3 COMUNIDADE KARAJÁ-XAMBIOÁ: PRINCIPAIS ATORES SOCIAIS E A PERCEPÇÃO SOBRE A VISITAÇÃO TURÍSTICA

Os membros de comunidades indígenas têm em sua cultura um elemento-chave que é a hospitalidade. Além disso, são possuidores de conhecimentos tradicionais e tecnologias sociais em seu patrimônio cultural e os recursos naturais que despertam atração turística. Seus territórios são ambientes de “reprodução física, de subsistência material e um espaço carregado de referências simbólicas para a sua afirmação étnica” (JESUS, 2014, p. 228).

O elemento central de visitação na comunidade é o próprio cotidiano do grupo. Não há teatralização de ações, até mesmo porque não existe um planejamento turístico consolidado, os visitantes experenciam o que o grupo vive no dado momento da visitação e levam consigo experiências da cultura indígena Karajá-Xambioá decorrentes de seu dia a dia.

São vários os membros da comunidade que dão suporte à recepção do turista. Quando questionados sobre quem seriam os mais indicados para tal tarefa os interlocutores citaram membros com maior escolaridade, atividade e participação comunitária, sendo eles de dentro ou fora do núcleo comunitário. O Cacique, foi lembrado duplamente, por sua importância para o grupo e por ser o professor na escola da comunidade, bem como a Cacique da aldeia mais próxima desta comunidade, também da etnia Karajá. Foram citados também discentes do Curso Superior de Gestão de Turismo da Universidade Federal do Tocantins e de outros cursos e uma estudante do Ensino Médio.

A comunidade Karajá vem recebendo anualmente visitantes seja parentes de outras comunidades, seja de aldeias vizinhas e até pesquisadores e estudantes. O mês de julho é um período de muita circulação de pessoas entre as aldeias e a praia,

onde o povo costuma passar vários dias acampados, uma prática muito comum para os povos das cinco aldeias.

A considerada alta temporada na região do Araguaia, movimenta muitos turistas e visitantes para os acampamentos, eventos e esportes náuticos, e representa, para os Karajás, um aumento na visitação. Os entrevistados apresentaram que já tinham recebido turistas, demonstrando que eles pessoalmente estão envolvidos na visitação.

Barretto (2000; 2004) lembra que o turismo também apresenta impactos positivos potenciais do intercâmbio cultural. Para Ruschmann (2002, p. 34) impactos turísticos “são consequência de um processo complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores”.

Os participantes do questionário relataram que a motivação principal da visitação são os eventos da comunidade, a cultura e a comunidade indígena. Os fatores que favorecem a comunidade ao receber um turista são muitas vezes percebidos pelo aspecto econômico como a geração de renda ou o potencial de ampliação das estruturas físicas da comunidade como um centro de recepção ao turista.

As comunidades indígenas são pouco preparadas para o planejamento e operacionalização do turismo, e sentem os efeitos da falta de gestão ou de participação neste processo. O fluxo de visitantes apresenta uma intensidade que muitas vezes impossibilita o debate interno entre os participantes (FERNANDES, 2014). Nesse movimento, as comunidades tendem a ver o turismo com desconfiança, e começam a sentir também certo relacionamento negativo com o turismo (MENDES, 2009).

A visitação contribui para a mudança de perspectiva em relação ao indígena e seu cotidiano, e podem demonstrar aos visitantes como é a realidade do indígena em sua aldeia, em grupo, e as diferenças da sociedade urbana fora das comunidades indígenas, que tem seus valores.

“Às vezes tudo que ‘sabem’ das culturas indígenas é que não trabalham, que são preguiçosos e que são sustentados pelo governo, com essas visitações tiram essa imagem da cabeça” (Entrevistada D). Esta é observação a respeito de uma visão distorcida sobre o indígena, que poderá ter no turismo os fatores de educação para convívio social e respeito às diferenças étnicas. Para Cavalcante (2013) a prática do turismo dentro de terras indígenas resulta de uma alternativa econômica viável, ascendendo para valorização cultural, da diversidade cultural através da sensibilização para o turismo.

Observou-se que as pessoas enxergam no turismo a possibilidade de obter renda, uma “alternativa socioeconômica viável e como instrumento de sustentabilidade e valorização cultural das comunidades indígenas, tendo o turismo como revés de desenvolvimento local” (CAVALCANTE, 2013). Foi destacado ainda que, a contribuição obtida via visitação pode ser utilizada na ampliação da infraestrutura local, na preservação da natureza e da cultura, e com o potencial da geração de conhecimentos e ampliação da visibilidade desta comunidade.

Em relação às dificuldades de realização do turismo e da visitação, os entrevistados em sua grande maioria lembraram-se do acesso realizado em estrada não asfaltada, sem transporte regular. A distância da sede do município de Santa Fé do Araguaia é de 86 km, destes apenas 46 km é estrada com asfalto.

Alguns problemas sociais foram lembrados ao mencionarem o alcoolismo, drogas e prostituição, pontos negativos derivados de impactos socioculturais, que podem ser desencadeados pela presença do turismo, como também impactos ambientais, como, poluição, desmatamento, degradação do solo e outros. Vê-se aqui alguns dos muitos olhares sobre o turismo a partir das lentes dessa comunidade, que são elementos relevantes para o planejamento voltado para práticas sustentáveis.

O coronavírus foi mencionado como o problema mais atual que preocupa a comunidade pela movimentação de pessoas, na cidade mais próxima Santa Fé do Araguaia. O Boletim Epidemiológico de 05/11/2021 aponta que são 871 casos confirmados, 1 caso ativo e 13 óbitos (TOCANTINS, 2021). E nesse sentido, a comunidade tem se organizado e adotado as medidas indicadas pelos órgãos de saúde, em especial, o distanciamento social físico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa observou que o potencial do etnoturismo da comunidade indígena Karajá-Xambioá está ligada ao seu patrimônio cultura, com destaque nas oportunidades que as festas tradicionais trazem para a visitação na comunidade.

O presente estudo demonstrou que o etnoturismo, na visão da comunidade pesquisada, pode ser uma atividade viável se planejada e desenvolvida de forma responsável. Para tanto deve se pautar no conceito de sustentabilidade com destaque para o desenvolvimento local, processo endógeno, relacionando a qualidade de vida com o uso sustentável dos recursos disponíveis, contribuição para economia interna e conservação do meio ambiente.

Percebe-se a partir das observações e falas da comunidade que existe tanto o potencial, quanto o desejo de desenvolver atividades etnoturísticas em seu território. O grupo é ciente que deve entender seu papel e colocar-se como ator principal no processo de desenvolvimento e que tal empreitada é desafiadora por requerer significativo engajamento da comunidade em si e da comunidade com o mercado turístico.

O entendimento que as próximas gerações também dependerão dos recursos naturais de hoje compõe a visão da comunidade, sendo o turismo uma possibilidade para se adequar a essa necessidade. Diante da riqueza de recursos existentes como artesanatos, comidas, bebidas, crenças, linguagens, festas, lendas, histórias de vida, dentre outros elementos culturais, o etnoturismo confere uma possibilidade real ao grupo. Além de valorizar sua cultura, o etnoturismo pode contribuir para a preservação do meio natural onde localiza-se a comunidade, um dos principais motivos de preocupação.

O ato de receber turistas não faz parte do contexto histórico que formou a comunidade, porém ainda assim, recebem visitantes de forma espontânea, geralmente de grupos indígenas vizinhos, ou por convite da própria comunidade, no caso dos eventos. As festas são parte da expressão cultural Karajá-Xambioá e são compartilhadas com pessoas de toda região, frequentemente as comunidades vizinhas, que apresentam e divulgam seus valores culturais. A comunidade se prepara para estes encontros que demonstram assim incorporá-los as manifestações culturais quando eles escolhem a data, duração, e atividades que incluem esta visitação determinando os limites ainda que implicitamente.

E assim, notam-se muitos fatores que poderão ser determinantes ao desenvolvimento do turismo pela a comunidade Karajá-Xambioá, como, por exemplo, o fato de ter membros que já reconhecem a possibilidade de visitação que incluia mais atores da comunidade como os anciões. Outro aspecto importante neste contexto está na relação entre a comunidade indígena e comunidade não indígena por meio da escola e inclusive em alguns casos com a Universidade Federal do Tocantins, com alunos da comunidade no curso de graduação em Gestão do Turismo. Todos esses pontos contam a favor da comunidade e podem cooperar na organização e planejamento turístico de um tipo de turismo construído pela comunidade indígena, para seu próprio bem-estar e dos que a visitam.

O estudo apresentado buscou contribuir com o entendimento e construção de informações técnicas de gestão e planejamento do etnoturismo que integrem os valores étnicos indígenas, na perspectiva de desenvolvimento endógeno. Em últimas considerações, sugere-se investigar as festas tradicionais e suas dimensões culturais da comunidade pesquisa e ainda inferir o potencial do etnoturismo no norte do Tocantins.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. E., KARAJÁ, A. D. G. **Aspectos históricos e culturais do povo Karajá-Xambioá**. Campinas (SP): Pontes Editora, 2016.

ALTVATER, E. Ilhas de sintropia e exportação de entropia: custos globais do fordismo fossilíssimo. **Cadernos do NAEA**, v. 1, n. 11, p. 43-54. 1997.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

AZEVEDO, F. F.; FIGUEIREDO, S. L.; NÓBREGA, W. R. M.; MARANHÃO, C. H. Turismo em foco: globalização e políticas públicas. In: AZEVEDO, F. F.; FIGUEIREDO, S. L.; NÓBREGA, W. R. M.; MARANHÃO, C. H. **Turismo em foco**. Belém: NAEA/UFPA. 2013, p. 11-27.

BARRETTO, M. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 15, n. 12, p.134-149, nov. 2004.

BARRETTO, M. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. 5. ed. Campinas (SP): Papirus, 2000.

BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2001.

BRANDÃO, C. N. BARBIERI, J. C.; JUNIOR, E. R. Análise da sustentabilidade do turismo: um estudo em comunidades indígenas no Estado de Roraima, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 500-518, maio/ago. 2015.

BRASIL. **Lei nº 12.593, de 18 de janeiro de 2012**. Institui o Plano Plurianual da União para o período de 2012 a 2015. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jan. 2012. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12593>. Acessado: em 18 jan. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: Orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BUHALIS, D. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism Management**, v. 21, n.1, p. 97–116. 2000.

CAVALCANTE, J. S. Turismo na fronteira: desenvolvimento local nas terras indígenas. **Revista UFRR**. v. 3, n. 1, p. 1-11. 2013.

CORBARI, S. D.; BAHL, M.; SOUZA, S. R. Legislação indigenista e perspectiva para o turismo em terras indígenas no Brasil. **Revista Turismo em Análise**. ECA-USP. v. 28, n. 1, p. 53-70, jan-abr., 2017.

COUTINHO, A. C. A. Concepção do Estado e as novas institucionalidades políticas: como isto reflete nas instâncias de governança em turismo? O Caso do Conselho Estadual de Turismo do Rio Grande do Norte. **Turydes**, Málaga, v.9, n.1, p. 1-15. 2016.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura. 2000.

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas (SP): Alínea, 2002.

FARIA, I. F. **Ecoturismo Indígena Território, Sustentabilidade e Multiculturalismo**: princípios para a autonomia. 204 f. Tese (Doutorado em Geografia Física), Universidade Federal de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.

FERNANDES, C. P. Etnoturismo e turismo indígena no Brasil: revisão bibliográfica. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14, 2014, São Paulo. **Anais... São Paulo: UNICIC**, 2014. p.1-11. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2014/trabalho-1000016877.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FIGUEIREDO, S. L.; NÓBREGA, W. R. M. Turismo e desenvolvimento regional: conceitos e políticas em um caso brasileiro. In: FIGUEIREDO, S. L.; NÓBREGA, W. R. M. **Perspectivas contemporâneas de análise em turismo**. Belém: NAEA, 2015, p. 11-37.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía**: métodos de investigación. Barcelona: Paidós, 1994.

HINCH, T.; BUTLER, R. **Indigenous tourism**: A common ground for discussion. London: International Thomson, Business Press. 1996.

IRVING, M. A.; BURSZTYN, I.; SANCHO, A. P.; MELO, G. M. Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.1, n.18, p.1-7, dez. 2005.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**: São Paulo. v. 3, n. 118, p. 189-205, 2003.

JESUS, D. L. N. Turismo indígena como alternativa de valorização cultural. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 223-239, maio/jul. 2014.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

LEWINSOHN, T. M.; PRADO, P. I. Quantas espécies há no Brasil? **Megadiversidade**. v. 1, n. 1, p. 36-42. 2005.

MAGALHÃES, C. F. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca. 2002.

MENDES, E. G. **As cidades e o turismo urbano.** Ceará (apostila).

MIRANDA, R. W. S.; SOARES, D. A. S. Percepção da degradação patrimonial e de áreas verdes na cidade de Belém (Pará, Brasil) e as implicações para o turismo. **Turismo e Sociedade.** Curitiba, v. 13, n. 3, p. 65-80, set. dez. 2020.

MOESCH, M. Dimensão social. In: Beni, M. C. **Turismo:** planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri (SP): Manole, 2012, p. 203-218.

MONTEIRO, J. O.;MONTEIRO, J. O. Turismo, comunidade e preservação: a importância de práticas sustentáveis na localidade de Barro do Furado. In: II Seminário Internacional de Turismo Sustentável, 2., 2008, Fortaleza. **Anais....**, Fortaleza, CE: Instituto Terramar e Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará, 2008. CD ROM.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Turismo Internacional uma perspectiva global.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PADILHA, O. D. T. **El Turismo:** fenómeno Social. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

PANOSSO NETTO, A. LOHMANN, G. **Teoria do Turismo:** conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

PINTO, R., PEREIRO, X. Turismo e antropologia: contribuições para um debate plural. **Turismo e Desenvolvimento**, Aveiro (Portugal), v. 1, n. 13. p. 447-454, jan. 2010.

RAMOS, A. R., A.; FERKO, G. P. S. Turismo em terras indígenas: Legislação e direitos humanos. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, v. 8, n. 2, p. 127-142. dez. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur> Acesso em:10 out. 2020.

RIST, G. **Le Développement:** histoire d'une croyance occidentale. Paris: Presses de Science Po, 2001.

ROCHA, A. R. C; ROCHA, A. Observação participante aplicada a pesquisas em marketing sobre turismo e lazer. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 341-353, dez. 2013.

RUSCHMANN, D. O desenvolvimento sustentável do turismo. **Turismo em Análise.** São Paulo, v. 3 , n.1 , p. 42-50, mai. 2002.

SEPLAN. Secretaria do Planejamento e Orçamento. Superintendência de Planejamento e Desenvolvimento. Diretoria de Pesquisa e Informações Econômicas. Gerência de Indicadores Econômicos e Sociais. Zoneamento Ecológico-Econômico. Diagnóstico da Dinâmica Social e Econômica do Estado do Tocantins. **Populações Tradicionais**. Palmas: Seplan, 2016.

STAVENHAGEN, R. Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. **Anuário Antropológico**, 84. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: meio ambiente e economia. v.2, 2 ed. São Paulo: Aleph. 2000.

TOCANTINS. Secretaria da Saúde. **Covid-19**. Disponível em <http://integra.saude.to.gov.br/covid19>. Acessado em: 27 nov. 2020.

TORAL, A. A. **Cosmologia e Sociedade Karajá**. 414f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1992.

YÁZIGI, E. Ensaio Metodológico de Manejo Turístico em Áreas Indígenas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 137-183, dez. 2007.

Recebido em: 26-02-2021.

Aprovado em: 17-02-2022.

